Impresso

DF LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VIII Nº 97/102
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

A obra inesquecível de Raquel de Queiroz

Espírito e liberdade em

Agostinho da Silva

□ JOSÉ SANTIAGO NAUD

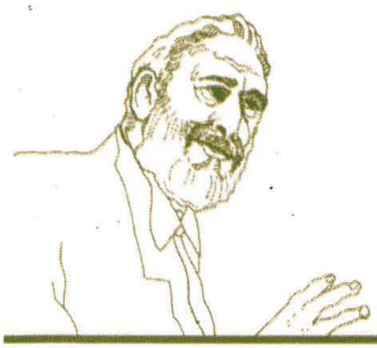
Na obra imensa de Agostinho da Silva, o tema em questão bem que pode partir de uma quadrinha, dele ouvida aqui mesmo, Nos primórdios da Universidade:

> *"Só ao teu Deus sê fiel*
> *No que tu tenhas de fé.*
> *Quem sabe o deus que tu crias*
> *Esconda o Deus que Deus é."*

Tal dialética, no implícito desvelamento de sua semântica, traz à baila o espírito e a liberdade. De um lado, o Ser absoluto; de outro, o exercício criador, porém contingente. Vê-se que há na criatura a ventura de tocar o Criador. Nessa dimensão esconde-se a verdade, preexistente a nós. Assim o pensador dinamiza, como buscador do saber, o fecundo exercício da dúvida. Na demanda, nem peca por orgulho nem se amarra a qualquer prescrição impositiva. Libertário no exercício da fidelidade, honra a "nova ciência" formulada após a Renascença, sem ferir a tradição. Com isso, não furta ao mistério a sua fatia, nem cega o fio da razão. Alcança o ponto de equilíbrio em que os contrários se complementam. Corpo e alma, mente e coração. Perfaz-se a totalidade.

Racional ele sempre foi, sem perder nunca a reta do discurso. Jamais escorregou na arrogância do negativo. Um caso de inteligência. Mesmo o escarninho Voltaire, ao racionalismo redutor do Século das Luzes, dizia-se intrigado com o mundo, e não podia imaginar esse imenso relógio sem um relojoeiro. O que não o impediu de aprimorar a inquietude, nem submeter-se a qualquer prescrição discricionária. Igualmente, na evolução da ciência ocidental, chegaria o momento em que o pragmatismo aplicado à teoria levou Thomas Edison a dizer que "a

Comunicação apresentada no seminário internacional sobre vida e obra do mestre, em agosto de 2002, na Universidade de Brasília (UnB), DF.



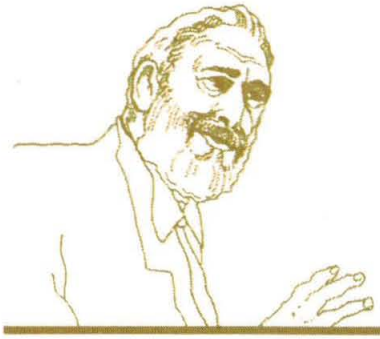
"A função do corpo é levar a mente a passear"

função do corpo é levar a mente a passear" e, filosoficamente, Sampaio Bruno escolher como epígrafe do livro *O Brasil mental* frase semelhante, de Lester Ward: "A tarefa da mente é a de dirigir a sociedade". Ora, Agostinho da Silva cumpriu na mais perfeita extensão da sua vida e da sua obra esses preceitos, e com inclinação lúdica mais o senso de servir. Crítico e generoso, debruçou-se à janela do mundo justificando o ofício corporal e anímico da própria existência. Esclarecendo o compromisso vital de cada um, iluminou as origens e os fins do ato humano.

Bem advertido andou o jovem pintor Carlos Aurélio quando, em março de 1996, significativamente no Convento de Cristo do castelo de Tomar, fez uma exposição de quadros com o mapa de Portugal, representação emblemática da Árvore da Vida. No mapa, as dez *Sephirot*, que são os chacras cósmicos repercutidos em nós, correlacionam o nexo íntimo e causal entre visível e invisível. Formulação da *Binah* hebraica ou da *Sophia* grega, em português Sabedoria, representam a ciência da totalidade e estão distribuídas por sete níveis horizontais, que são os sete planos do Ser alinhados verticalmente em três colunas. No pólo espiritual, a da direita, Misericórdia, é positiva e centrífuga; no pólo material, a da esquerda, Rigor, é negativa e centrípeta; a do meio é do Equilíbrio: reúne os estágios de reino, fundamento, beleza e, à mediação de vontade, *Kether* a coroa do mistério vital. Correlacionam-se todas. Em tal figuração, o canto superior corresponde à situação geográfica de Trás-os-Montes e coube ao Agostinho, na coluna da Misericórdia. Sobre essa região portuguesa o homenageado já escrevera (1): "Quando chegou a minha hora de nascer no céu das idéias, estava atento ao globo terrestre que ia passando pela frente à espera de encontrar uma terra que me agradasse. (...) Nascer não é uma fatalidade, mas uma escolha pré-consciente, daquela consciência que se perde quando se voa do Céu para a Terra, como dizia Platão... Eu o que escolhi foi Barca D'Alva, que é a última terra portuguesa antes da fronteira da Espanha...". Pois ali aparece ele, com os seus gatos, "à luz da amendoeira pintada". No chacra ou na casa do absoluto/inteligível, o mundo da esperança. À articulação do manifestado, nesta ascensão do material ao espiritual, isso quer dizer altura e sabedoria. Não me admiro, pois, que aqui em Brasília, na década dos sessenta, dada inteligência feminina o chamasse de Augustus, em vez de Agostinho. Hoje ela ainda reitera esse nome e agrega outro, oriental, de Pucka Sahib, homem de sabedoria, "o sagaz, digno de inteira confiança, que julga com imparcialidade" segundo leitura feita em Agatha Christie (2). E está certa. As mulheres, por intuição e pendor compassivo, sempre foram as primeiras a perceber a grandeza do mestre na claridade dos seus obscuros paradoxos, tão distantes do ordinário e da empáfia masculina.

Já estamos então em condições de compreender o ponto fulcral da idéia de Deus para o autor. Em 1974 ele escreveu (3): "Diz-me Frei G.H. que posso tranqüilamente pensar que Deus, simultaneamente, existe e não existe. Veria, então, Deus, muito de acordo com uma idéia da física cosmológica de nossos dias, e não me serve para nada um Deus que não resista à ciência (...) ao tomar Deus conhecimento de si próprio, se vê, ou é, sujeito e objeto, Pai e Filho, com um intervalo imediato de tempo e espaço, como me sucede a mim quando me vejo ao espelho (...) e isto, que só existe quando Deus existe e porque é Pai e Filho, sujeito e objeto, chamarei eu de Espírito Santo // Pondo de lado esta questão do Espírito Santo, para não exaltar os meus amigos de esquerda que me crêem místico (e oxalá o fora, bem seguro de não cair em catecismos pretos ou vermelhos) e para não descansar os meus amigos de direita, que poderiam confundir este meu Espírito Santo com a pomba amestrada que durante tanto tempo, mais com artes de corvo, separou a Igreja de Cristo que a fundou, direi, acumulando as enor-

(1) SILVA, Agostinho da. *Reflexões, aforismos, paradoxos.* Brasília, Thesaurus Editora; 1999, p. 179.
(2) CHRISTIE, Agatha. *Cartas na mesa.* Rio de Janeiro, Editora Record; 1987, p. 136.
(3) SILVA, Agostinho da. *Dispersos.* Lisboa, ICALP, Ministério da Educação; 1988, p. 598.



“Nascer não é uma fatalidade, mas uma escolha pré-consciente”

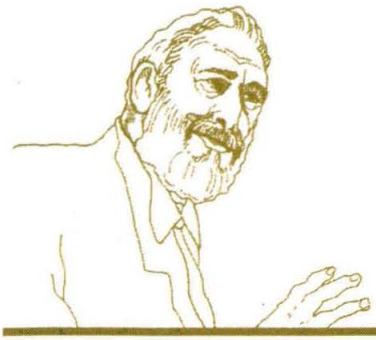
midades, (...) no momento em que o mundo explode de Deus, ou Deus explode em mundo, deixa ele de existir como Absoluto e, portanto, como Deus; é, já, a Trindade; e dessa, claro está, posso eu falar; o que não vale a pena, pois de outra coisa não têm tratado os teólogos".

Esta é a religião explícita do Agostinho, sustentação de sua ciência e sua fé, que o levavam a chover sobre bons ou maus e reclamar, por exemplo, de um projetado instituto teológico nesta UnB a inclusão de babalorixás incumbidos de ensinar a crença ioruba, povoada de deuses mas sem tomar nunca o nome de Deus em vão. De fato, é o fulcro que sustém e impulsa a roda de um pensamento velocíssimo, capaz do diálogo generoso. Sem excluir a devoção trinitária, incorpora tradições mais antigas e abre as cortinas do futuro. Aqui o folclore português, com fidelidade etimológica, serve para o resplandor da verdade, oculta em simulacros e registrada pela ciência etnográfica. Com rigor lógico e amparado no fato histórico, conduzido pela ventania do poético ele aflorou os grandes mitos. São manifestações messiânicas da sua pátria, a utopia ou ucronia do Quixote peninsular. Com agudez mental, rompe a mesquinhez coeva. Assim, do "nada que é tudo" faria brotar, mais que o porquê, o *para que* as nações existem. Fez de Portugal espelho do Mundo. Jamais se enredou nas teias do nacionalismo, nem se rendeu à exaltação equívoca de um destino manifesto. Não foi salvador da pátria ou justiceiro da humanidade. Oponente feroz de qualquer totalitarismo, fosse político ou religioso, são seus vetores: 1- Cister e a aceitação da mudança; 2 - os cavaleiros-monges e sua ação templária; 3 - a Festa do Espírito Santo, com o apelo ecumênico; 4 - a fraternidade e pobreza franciscana; 5 - o Quinto Império e o Encoberto, passagem universal à eternidade. Nunca se dispôs erroneamente ao sebastianismo no que ele implica de estupidez ou fanatismo. Mas lhe confere valor real, este sacrifício e a aceitação do martírio, na porfia dos caminhos do Graal. O espírito de Agostinho da Silva refletiu de tal modo a Nação que dele se pode dizer, sem exagero, quanto o Pessoa disse do Bandarra: "Não foi nem santo nem herói, / Mas Deus sagrou com seu sinal / Este, cujo coração foi / Não português mas Portugal".

Nestas condições, é com lucidez que, ao considerar as diferentes épocas nacionais, sua reflexão pôde avaliar o 25 de Abril (4): "Acaba a segunda época de Portugal rente a nós, sagrando esta data para todo o futuro (...) se liberta o País de ser metrópole e, desaparecido o conceito de fiel como o de ser ele o fiel de outras religiões, ideologias ou costumes, se volte a atenção para o infiel que o é porque se afasta da fidelidade que deve ser essencial em todo o homem, a de ser fiel a si próprio, a de se cumprir tal como é, exemplar único de um dos infinitos aspectos de que o humano pode revestir-se. Para que tal aconteça se despirá a Nação de todo o egoísmo nacionalista, e de toda a retórica messiânica e quererá que com ela floresça, primeiro o conjunto de Povos que em sua mesma Língua se entendeu, e logo, por eles, a Ocidente e Oriente, e a Norte e a Sul, sem explorados nem exploradores, um mundo de trabalho comum, sem mandantes e servos (...) assegurando-nos assim, no Tempo, o nosso matemático assento, e, no Eterno, nosso impossível vôo a todo o céu que se crie". São palavras que averbam sua plena adesão à profecia de Joaquim de Flora sobre as Três Idades, pedra angular da gênese humana e terrestre.

Quanto ao movimento da Filosofia Portuguesa, punha lá o mestre suas reticências. Não cabe aqui nenhuma análise, mas valha referir que, para ele, a missão nacional sempre esteve mais voltada ao agir que ao pensar, urgência de povoar o mundo antes que interpretá-lo. No mar navegante, entre Camões e Pessoa, importava mais a "Terra toda uma" que descrita. Abraçaria o Alberto Caeiro ouvindo-lhe o oxímoro de que "há metafísica bastante em não pensar em nada". De certo, como filósofo português considerava apenas o Baruch (Bento ou Bendito) Espinosa que, embora continuasse a falar o idioma familiar, a par do latim, espanhol e neerlandês, já não era mais português; os antepassados, expulsos pela intolerân-

(4) *Id. Ib*, p. 594.



> Há metafísica bastante em não pensar em nada

cia e o fanatismo, fizeram-no estrangeiro. Mas, junto aos ensaios de Montaigne (que o Agostinho via também português), será Espinosa sua maior e talvez única afinidade. Já veremos por quê. O judeu meteu Deus no mundo, ao contrário de outro senhor da Ciência Nova, o Newton, que, não obstante seus livros de alquimia, viu o mundo como que abandonado de Deus. Espinosa foi expulso da sinagoga e igrejas, mas dava início ao criticismo bíblico, que soma hoje lingüistas e arqueólogos. Ao recusar honores, casava-se com a pobreza. Honrando o silêncio, fez com esmero o seu trabalho. E, sobretudo, buscava preservar a ordem fixa e imutável da Natureza. Tinha por objetivo da governação a liberdade e foi preceito impreterível do seu proceder, matematicamente ético: não rir nem chorar sobre os atos alheios, senão compreendê-los.

Quanto à liberdade em Agostinho da Silva, prefiro ceder a palavra a voz mais competente. Acaba de sair em Lisboa um livro de Joaquim Domingues, professor em Braga. Intitula-se *De Ourique ao Quinto Império* (5). Escrito para refletir sobre uma filosofia da cultura portuguesa, estuda a operação do mito nos fundamentos da nacionalidade e alarga-se, através de 370 páginas, à utopia consagrada pela sementeira de Vieira. Pois, justamente, dedicando essa obra magnífica aos amigos do Brasil, como "penhor do futuro da cultura lusíada", perfaz o trabalho em doze anos e, "num esforço de diálogo transatlântico", o põe sob a inspiração de Agostinho da Silva. Sua avaliação, nas páginas finais, são bastantes para definir o nume inspirador, seu ofício libertário de 88 anos: "Convicto de que tudo começa e se decide na liberdade e na responsabilidade de cada pessoa singular (...) por mais de uma vez lembra as virtudes conventuais e militares, ao pensar numa organização de homens livres, cujo melhor modelo terá sido o das ordens de cavalaria, em que a disciplina consentida na ação se articula à comunhão vivida na fé e à pobreza partilhada e sublimada na castidade. (...) A solução está, pois, no aperfeiçoamento individual, segundo um modelo que contempla a integralidade da pessoa, mas que atinge o máximo grau de eficácia quando integrado em livres formas de associação fraterna".

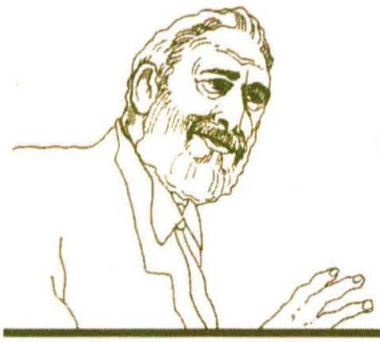
Parodio S. João. "O mito se fez homem."

Neste mesmo ano, quando celebramos o centenário de publicação da pedra fundamental da sociologia brasileira, cujos sertões tanto comoviam o Agostinho, importaria indagar das ligações dele com a terra. Vejo que o tema será tratado amanhã por José Luís Conceição Silva, autor de livros decisivos sobre agricultura ou os mistérios de Portugal. Gostaria, entretanto, de fazer duas referências.

A primeira, sobre Canudos, que sangrou temas diletos ao mestre, como o sebastianismo e a exploração dos excluídos. Parece incrível, e é satânico até que, a um século da denúncia de Euclides, o problema não esteja sequer equacionado. Ao contrário, as favelas multiplicam-se em todo o país. A ineficácia de suposta elite, perversa e hipócrita, avança no erário e continua a jogar para amanhã a solução do problema, mácula imperdoável de meio milênio. Mal nos ampara a advertência de outro paladino do Graal que, como o Agostinho, traz-nos o maná da esperança. Ariano Suassuna tem advertido que é precisamente da favela que brotarão as sementes da viragem, a faísca riscada lá vai precipitar a eletrólise da nossa miscigenação, gerando o homem novo. Contudo pergunto, precisaremos de outro milênio?

A segunda liga o Agostinho a dois santos de sua particular devoção: Bento, de Núrsia; Francisco, de Assis. O *ora et labora* do primeiro e os esponsais com a pobreza do segundo coordenam a relação amorosa do homem com a terra. Corpo e mente só na compaixão se resolvem. E agora ponho-me a ver o nosso professor trançando as pernas por aqui, no campo em construção da nossa universidade. Sem qualquer confusão ou má vontade, prestava atenção igual aos seus pares ou à queixa dos pequenos em suas angústias cotidianas. Quantas vezes o vi zelar pela segurança dos bichos, que ele tratava como se fossem pessoas. A propósito, Victor Alegria, seu editor bra-

(5) DOMINGUES, Joaquim. *De Ourique ao Quinto Império*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Temas Portugueses); 2002, p. 362.



> Convicto de que tudo começa e se decide na liberdade e na responsabilidade

siliense, testemunhou em *Reflexões, aforismos, paradoxos* que publicou em manuscrito: "Agostinho amava seus dois gatos. Mas amava também, igualmente, seus inúmeros amigos. Li suas últimas cartas, escritas em máquina velha e muito bem usada, e abismei-me com a vitalidade intelectual sempre a criar mensagens para o mundo futuro, onde o outro lado da tradição portuguesa cresce raízes dum novo envolvimento humanístico e espiritual. Os olhos voltados sempre a novos tempos, fecundados por oculto sêmen misterioso, que atravessa os séculos para germinar no tempo próprio, no tempo certo. Agostinho foi, é e será sempre a luz que almejamos. Até que o grande Sonho nos aproxime, definitivamente". Igual imagem se me fixou, tal qual aquela do biótipo que riscou o Almada Negreiros numa parede da Faculdade de Letras, na Universidade Clássica de Lisboa, representando o Alberto Caeiro. Jeito camponês, pleno de energia, o cabelo espigado, o queixo firme, o olho vivo, o corpo sólido, maciço, de passo leve e todo espiritual, a iluminar o espaço que ocupava. A imantação terrestre, propícia à transcendência celeste, serve-me de arquétipo para o Agostinho, que me ficou na inteligência e na alma. Homem para quem a vocação de servir e a preservação ambiental seriam o melhor exercício de cumprir as saudades de ser santo. Não com aqueles olhos de luz abissal e fúria ultramontana do Léon Bloy que escreveu *Mulher pobre*, mas com a doçura da Úmbria franciscana ou a precisão esclarecida de quem, entre duas eras, constrói uma biblioteca e é eficiente no meio da reza ou do trabalho. Mais que enlevo patriótico ante o antepassado heróico, ou razão emocionada em face da aventura marítima, o que move essencialmente o pensamento de Agostinho da Silva é a alegria de ser vivo e livre, e solidário, o íntimo caroço da sua alma. Assim também, no mar ilimitado da incerteza ou nos embates do confronto entre bem e mal, flutua como estandarte a certeza de que, juntos, a mente e o corpo são apenas aspectos da totalidade que se impõe harmonizar. A conjunção de todos os contrários conforma o nosso mundo. Fatalmente, a consubstanciação de espírito e liberdade.

Antes de encerrar, eu gostaria ainda de dizer que o VIII poema do Guardador de Rebanhos serviu-me sempre como antífona de qualquer página que eu lesse na vasta obra de Agostinho da Silva. Seu livrinho *Um Fernando Pessoa*, dedicado "aos amigos dos outros", desdobrou com brevidade profunda a unidade e diversidade da criação, reboando em linguagem belíssima a univocidade do Poeta. O autor soube ser planetário com a *Mensagem* e inaugural com o *Pastor amoroso*, sempre fiel ao mistério e missão de Portugal, que é reunir tempo e espaço para que o Tao se encontre com o Espírito Santo. No Oriente e no Ocidente, ao Norte e ao Sul, juntos, a mesma luz pacificadora do Zen ou da Estrela de Belém. Nesta altura cumpre ainda não omitir, nesse que foi antes e sobretudo um pedagogo autêntico, o respeito para com a contribuição muçulmana e recordar particularmente sua adesão à dança mística dos Sufi, capaz de transcender Espaço e Tempo nas cirandas do êxtase. E aqui a criança irradia aquela chama que nos liberta, até de nós mesmos, e permanece para sempre no adulto, renovando o coração. O mundo que ele anunciou como "o reinado da criança e a sacralização dos animais e tudo o resto", para que levemos conosco "um sentido de ordem não opressiva que impeça o caos e ondas de imaginação a saudar o que ainda não veio, com uma China cada vez mais para o concreto, um Brasil todo virado ao sonho e, no meio, uma África que nos ensine a todos, já que o índio enfraqueceu por tanto século de luta. E toda a atenção a cada notícia de aurora". Porque, em verdade, em verdade, "a verdade só na multiplicidade é verdade, e por isso se esconde no paradoxo". (6)

Bem o advertiu quem confeccionou o folheto da programação deste Seminário.

"Mais que tudo eu quero ter
pé bem firme em leve dança
com todo o saber de adulto
e todo o brincar de criança!"

(6) *Nota I, Id. Ib*, pp. 178 e 183.